

ANEXO VIII

Transcrição de uma entrevista

JOÃO ALBERTO

(19/11/99)

TRANSCRIÇÃO:

Fita 1 - Lado "A"

DAV: Hoje é dia dezenove de novembro de 1999, estou aqui na Faculdade Sumaré junto ao professor João Alberto Fiorini Filho e vamos ter uma conversa, uma entrevista. Eu gostaria de ouvir o professor, sua história de vida na profissão do magistério e o que o senhor for achando conveniente.

JA: Eu completo agora no início do ano que vem quarenta anos de magistério, dos quais mais de trinta e cinco anos dedicados à educação básica, doze anos à educação superior, logicamente esses períodos são concomitantes. E da educação básica uma grande parte desses trinta anos em direção de escola. Eu costumo dizer que nesses quarenta anos de magistério eu fiz tudo em termos de educação: desde lavar banheiro até substituir, não cheguei a substituir, mas respondi pelo expediente da Secretaria de Educação no período que um secretário entrou em férias.

DAV: Sei.

JA: Mas todos os cargos eu ocupei: de professor primário, professor, na época, de ginásial, depois professor de segundo grau, fui coordenador pedagógico, fui assistente de diretor, fui diretor de escola, fui delegado de ensino, diretor de Divisão Regional, fui diretor da DRECAP 2, que é a divisão regional que coordena a Zona Leste de São Paulo, fui coordenador de ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo. Trabalhei em várias assessorias com vários

Secretários de Educação, trabalhei inclusive no ensino municipal com a professora Guiomar Namó de Mello quando foi Secretária de Educação e eu fiz uma carreira concomitante no Estado, na Prefeitura e no ensino particular. Logicamente fazendo tudo isso e fazendo faculdade: eu fiz Pedagogia e Letras estudando e trabalhando manhã, tarde e noite. Então, nesses quarenta anos eu levanto às 5hs30 da manhã e vou dormir por volta de meia noite, meia noite e meia e tudo isso a gente fez. A direção de escola eu comecei inicialmente na Prefeitura de São Paulo e estava como professor no Estado, depois com o primeiro concurso de diretor de escola no Estado eu inverti: fui para direção no Estado e fiquei como professor na Prefeitura. Professor de primeira à quarta série na Prefeitura eles chamam de professor nível 1 e depois com o concurso eu fui (como eu tinha Letras, eu prestei um concurso para professor de Português) e assumi de quinta à oitava porque a Prefeitura até então não tinha segundo grau e me aposentei como supervisor de ensino no Estado e diretor de escola na Prefeitura. Logicamente se consultar a lei não é possível os dois cargos, acontece que a Prefeitura tem uma legislação que quem ficar na direção por cinco anos consecutivos ou dez anos interpolados, ao se aposentar acaba incorporando essa vantagem. Então ao me aposentar no Estado como supervisor eu incorporei as vantagens da direção da Prefeitura e eu não sei (eu acho que eu tenho um recorde em direção de escola), essa faculdade hoje é a 27^a direção que eu ocupo e costumo dizer que eu não fui mandado embora de nenhuma [risos]. Pelo seguinte, eu vim aí de um histórico, eu vim do interior, tinha dezoito anos e na minha cidade (Santa Cruz das Palmeiras) os homens tinham duas opções: ou faziam curso de comércio para trabalhar em bancos e no comércio, ou faziam magistério para lecionar. Só que na época em que eu me formei na minha cidade, Santa Cruz das Palmeiras, não tinha magistério. O magistério nós tínhamos que fazer na cidade de Casa Branca que é uma das famosas escolas normais de antigamente, uma das oito primeiras Escolas Normais e depois de formado professor primário na época não tinha onde lecionar no interior, porque na minha cidade tinha apenas um Grupo Escolar. Então a opção era vir pra São Paulo e começar a carreira na periferia que nessa época, nos anos 60, professores leigos inclusive alunos que ainda não tinham terminado o antigo ginásial, eles lecionavam. É como se fossem professores regulares, pela falta de professores que tinha em São Paulo.

DAV: Só uma pergunta professor: nesse Grupo Escolar que tinha na sua cidade era maioria de homens ou de mulheres que trabalhava?

JA: Olha ... que trabalhavam?

DAV: É. Que davam aulas.

JA: Olha, o diretor era homem mas as professoras eram todas mulheres, isso eu lembro. Não tinha nenhum professor.

DAV: Isso em 60 ?

JA: É, eu terminei o grupo escolar... Não, em 60 eu terminei o curso na época de formação de professores primários, eu terminei esse curso em Casa Branca e o ginásio logicamente quatro anos antes em 56, eu terminei o curso ginásial e em 54 eu terminei o grupo escolar que era o antigo primário. Nesse grupo escolar a maioria eram professoras, a maioria não: todas. Eu não me lembro de nenhum professor, só me lembro que o diretor senhor Otávio Barbosa, falecido já, é o diretor era homem. Depois quando fui fazer o ginásio, assim que terminei o grupo escolar não tinha ginásio na minha cidade, eu comecei o ginásio na época tinha exame de Admissão, em Pirassununga que é uma cidade vizinha e nesse ano abriu o ginásio na minha cidade e aí eu fiz o ginásio. Eu lembro que no ginásio a maioria dos professores não sei por que (até eles vinham de Pirassununga) eram homens, inclusive o diretor do ginásio era homem. Aí eu fui para Casa Branca fazer o curso de magistério de Formação de Professores Primários porque ele substituía o antigo curso normal e já era um Instituto de Educação “Dr. Francisco Tamar de Carvalho”, em Casa Branca e já chamava-se Curso de Formação de Professores Primários e aí havia tanto homens quanto mulheres lecionando, mas o diretor também era homem. Então

quando eu me formei eu vim para a periferia de São Paulo e fui lecionar imediatamente até porque já disse não havia professores formados. Eu fui para um bairro bem periférico de São Paulo, bairro de Guaianazes, na época ainda era servido pela antiga Central do Brasil, isso está na minha dissertação de mestrado que eu posso emprestar prá você, né. Eu já de imediato comecei a lecionar, cheguei num dia e no dia seguinte já assumia uma sala de aula, inclusive na época era um quarto ano primário e eu lembro que da turma toda eu era um dos mais novos, os alunos tinham cerca de vinte, vinte e tantos anos porque naquela época além de poucas escolas havia uma defasagem de escolaridade. Também até porque a periferia de São Paulo (o pessoal vinha muito do Norte e Nordeste) com uma defasagem de escolarização e essa escola em que eu comecei a lecionar como professor primário eu ocupei todos os cargos da escola, professor primário, professor do ginásio, professor do segundo grau que na época já era segundo grau, fui assistente de diretor, fui diretor dessa escola, fui supervisor da escola, fui diretor Regional que a escola estava inserida, fui coordenador de Ensino da Grande São Paulo logicamente a escola estava dentro dessa coordenação, bom, então porque eu fui fazer o curso de Pedagogia? A minha Pedagogia na época foi feita em Mogi das Cruzes agora acabou de sair um dos diretores da Universidade de Mogi das Cruzes e eu estava dizendo que eu fui um dos fundadores. Eu fui da primeira turma de Pedagogia da Universidade de Mogi das Cruzes, porque na época só havia Pedagogia na USP, na PUC e se não me engano no Mackenzie. Eu sei que eram apenas três Universidades, famosas, tradicionais que mantinham o curso de Pedagogia. Na época tinha o “Sedes Sapientiae” que agora é da PUC (eu não sei) sei que na época era da PUC também.

DAV: Qual foi a data?

JA: Isso foi no ano de 62, por aí. Então a única opção era fazer Pedagogia em Mogi das Cruzes, até porque o bairro que eu morava ficava entre a Praça da Sé e Mogi das Cruzes e o meio de condução para quem lecionava em dois lugares (no Estado e na Prefeitura) era na época, hoje é subúrbio da CBTU, na época era a Estrada de Ferro Central do Brasil. Depois foi criado um trem de

estudantes para servir a Universidade de Mogi das Cruzes. Eu fui da primeira turma na época. Não era Universidade, era uma Faculdade da UNEC, e eu costumo dizer que é um dado até histórico: o Padre Melo (hoje é o chanceler da Universidade), ele lecionava, era padre e usava batina [risos] e dava aula de Lógica, quer dizer, nada disso existe hoje, dava aula de Lógica pra gente e... Bom, então, eu fui da primeira turma de Pedagogia por isso eu estou colocando isso, ao me formar eu fui o primeiro professor da região a ter pedagogia porque os diretores de então, eles não tinham pedagogia, eles tinham um curso de magistério e tinham um curso de aperfeiçoamento em Administração Escolar. Não era nível superior, era uma complementação do curso de magistério primário, tanto é verdade que eu cursei regularmente os quatro anos de Pedagogia e a maioria dos meus colegas entraram no terceiro ano para complementar o curso de Administração Escolar. Bom, ao terminar Pedagogia eu já sabia que eu podia dar aulas não só das matérias pedagógicas (que havia magistério já naquela época com as matérias pedagógicas) mas a pedagogia dava direito a muitas outras disciplinas porque foi antes de uma reforma, antes da Lei 5540, então era muito mais abrangente. Só que eu percebi que não era suficiente, então fui fazer curso de Letras, eu fiz mais quatro anos do curso de Letras, tanto é que depois eu fui professor efetivo de Português também em algumas escolas. Bom, como eu já tinha uma carreira, eu passei no primeiro concurso de professores do Estado, no primeiro concurso de professores da Prefeitura, no primeiro concurso de diretores do Estado, no primeiro concurso de diretores da Prefeitura, então eu era o primeiro em ter pedagogia, eu fui o primeiro professor da minha região a ser diretor de escola e ter o curso de Pedagogia e fui o primeiro professor do ensino municipal de São Paulo com curso de pedagogia. Bom, tendo em vista isso, eu ocupei várias direções porque eu não era efetivo como diretor, antes de ocupar os cargos efetivos onde havia necessidade de um diretor eu ia sendo levado, substituía o Supervisor por um mês, por três meses, por um ano, por oito meses tal e fui mudando até me efetivar no cargo de diretor. Eu fui também o primeiro diretor de Escolas Integradas que na época havia o primário e o ginásio, em 1969 antes da Lei de Diretrizes e Bases 5692, houve uma experiência aqui no ensino municipal de São Paulo em oito escolas integradas onde juntou-se o primário com o ginásio e uma das condições é que o diretor tivesse pedagogia, então eu tinha pedagogia

embora não sendo efetivo eu ocupei a direção dessa primeira escola integrada (uma das oito escolas integradas) que foi na cidade de São Matheus, na zona leste de São Paulo, hoje chama-se Escola Municipal “José Lins do Rego”. Bom, então eu fui fazendo carreira, depois eu... ora na Prefeitura, ora no Estado, ora lecionando, ora em direção aí eu me efetivei também como coordenador pedagógico no primeiro concurso de Coordenador Pedagógico. Depois veio a redemocratização, nós lutamos aí contra a ditadura e eu fui ocupar um cargo na Secretaria de Educação. Inicialmente na assessoria do Dr. Paulo de Tarso Santos que foi Secretário do Governo Montoro, depois ocupei várias assessorias ora no Estado, ora na Prefeitura inclusive com a Professora Guiomar Namó de Mello quando foi Secretária Municipal de Educação. Trabalhei junto com a Professora Rose Neubauer que hoje é a Secretária Municipal, ou melhor Estadual de Educação, minha amiga, Guiomar também é minha amiga. E fui ocupando cargos até chegar à Divisão Regional de Ensino (extinta hoje), que era um cargo intermediário que coordenava oito delegacias da zona leste da capital onde o professor Mário Basacchi era delegado da 8ª Delegacia, na Penha. Depois da Divisão Regional de Ensino eu ocupei a coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo e respondi pelo expediente da Secretaria durante um período em que o secretário estava em férias. Bom, então desse período todo quando eu sai da coordenadoria eu voltei pra supervisão na 7ª Delegacia de Ensino e voltei pra docência no ensino municipal e aí fui fazer então o mestrado na PUC na área de Educação, meu mestrado é: “Gestão da Escola Pública o cotidiano do Diretor de Escola”.

DAV: Uma pequena pausa para que o professor João resolva algumas questões de trabalho.



DAV: Eu verifiquei aqui no seu questionário que a sua esposa se aposentou como diretora de escola...

JA: Como diretora de escola.

DAV: E vocês se conheceram na faculdade?

JA: Não. Nós somos do interior, lá em Santa Cruz das Palmeiras a gente se conhecia, né, e começamos a namorar lá quando eu fazia o magistério. Depois eu vim para São Paulo, comecei a trabalhar no magistério, ela terminou o dela e veio também. Nós casamos em 68, já tinha aqui algum tempo de São Paulo.

DAV: Então a sua esposa também é uma profissional da Educação.

JA: Da Educação. Se aposentou como diretora de escola na Escola Estadual “Ascendino Reis”, no Tatuapé.

DAV: E vocês fizeram magistério juntos?

JA: Não. Nunca estudamos juntos.

DAV: Ah, que interessante! E os seus irmãos é... eles foram fazer magistério também pelo mesmo motivo que o senhor?

JA: Não. Eu coloquei como os meus irmãos tendo feito magistério?

DAV: É. Colocou que seus irmãos também tinham feito magistério.

JA: Ah, é? Então não. Espera aí, eu te mostro... deixa eu explicar... bem lembrado. Nós somos seis irmãos, três fizeram magistério e três não. Dos três que fizeram magistério eu acho até que foi um pouco por influência minha, até

porque o mais velho que hoje é supervisor de ensino lá na região de Casa Branca, ele era gerente de banco e eu já era professor, aí depois é que ele foi fazer o magistério.

DAV: Certo.

JA: E o outro hoje é diretor de escola, bem mais novo que eu, fez magistério até por influência minha.

DAV: E o senhor fez Pedagogia por volta de 1962, 64?

JA: Isso, eu terminei Pedagogia em 64, então foi 61. É, eu comecei em 61 eu fui o primeiro aluno da Faculdade de Mogi das Cruzes, então quando a Universidade nasceu eu comecei como aluno deles.

DAV: E a sua turma de pedagogia como era? Muitos homens? Muitas mulheres?

JA: A turma de Pedagogia eu posso dividir em duas etapas: primeiro e segundo ano eram mais mulheres do que homens, no terceiro e quarto ano por causa daquele pessoal da Administração que veio (que já eram diretores de escola e na época o magistério era muito feminino) então os diretores eram homens. Então o terceiro e quarto ano tinha mais homem do que mulher.

DAV: Certo, por causa dessa...

JA: Por causa dessa complementação que os demais fizeram conosco.

DAV: Bom professor, é claro que todas as suas histórias são realmente interessantes, mas eu gostaria que o senhor me desse um pouquinho de ênfase agora de como foi a sua experiência no ensino primário.

JA: Olha, embora eu tenha feito magistério numa das melhores escolas de formação de professores do Estado de São Paulo (que foi a de Casa Branca) os primeiros anos foi um desastre. O primeiro ano eu trabalhei com o quarto, que eu já disse: os alunos eram maiores e mais velhos que eu, alguns, uma boa parte deles. No segundo ano, como eu era professor substituto, comecei como substituto, eu peguei uma classe de alfabetização e toda aquela teoria que eu tinha aprendido valeu em parte, mais na realidade eu comecei a aprender ser professor dando aula. Então alfabetizar uma turma logo no início da carreira foi uma coisa difícil, na época nós utilizávamos ainda a cartilha “Caminho Suave” [risos] e ainda se alfabetizava é... até terminarmos as sílabas complexas (por volta de outubro) e por volta da Semana da Criança se entregava o primeiro livro. Então era uma dificuldade, poucos alunos, eu lembro que a primeira turma, na época nós tínhamos quarenta alunos na sala de aula e eu acho que dos quarenta alunos uns dez ou doze (não tenho bem certeza) é que conseguiram pegar o primeiro livro e para mim foi uma decepção. Eu esperava que pelo menos de quarenta uns trinta e cinco [risos]. Então foi uma primeira decepção e aos poucos nós fomos aprendendo. Aí a gente foi pegando um pouco mais de experiência e tarimba.

DAV: E por quantos anos o senhor lecionou no primário?

JA: Olha, eu fiquei de 61... é difícil de precisar pelo seguinte: como eu trabalhava ao mesmo tempo no Estado e na Prefeitura, houve época que eu era diretor em uma das redes e professor primário em outra rede. Mas eu acho que contando entre um e outro eu fiquei uns dez anos no ensino primário.

DAV: Dez anos?

JA: Acredito que sim.

DAV: E nesses dez anos tinham outros colegas professores?

JA: Tinha professores na época, embora eu diferenciava dos demais porque eu tinha Pedagogia e os outros não, eu até influenciei muito colega meu em fazer faculdade, tanto Pedagogia como Letras. Hoje eu tenho vários amigos aposentados como eu que fizeram faculdade porque eu incentivei.

DAV: Bom professor, então é o seguinte, se o senhor tiver mais alguma história, uma lembrança, considerando o tema do meu estudo, e que o senhor ache que seja interessante ...

JA: Eu tenho muitas. Eu acho até que se você quiser até voltar uma outra vez e estar complementando essa pesquisa, eu poderei acrescentar muito mais. A gente às vezes não tem todo aquele tempo possível, a gente poderia até, você iria na minha casa, a gente combinaria, aí não teria problema nenhum. Talvez a minha esposa pudesse até acrescentar alguma coisa lá. Desde que o meu neto não estivesse lá [risos]. Tenho um neto de cinco anos que quando ele vem em casa ele desmonta a casa, precisa ficar correndo atrás dele. Mas tem muita coisa sim, eu acho que poderíamos colocar muito principalmente até dessa característica que magistério era profissão de mulher e nós homens éramos (até de certa forma) discriminados e até durante algum tempo passavam a imagem seguinte: os homens deviam ser os diretores. Era muito comum aquele comentário de corredor dizer: “Mas vocês homens no magistério?”. E a resposta era a seguinte: “Precisam dos homens para administrar a mulherada, entendeu?” Havia muito esse comentário, lógico eu não sou machista, muito pelo contrário. Eu até prefiro ser dirigido por mulher.

DAV: Ah, é? [risos]

JA: Mas eu ocupei vários cargos e a maioria, a grande maioria, eram mulheres. Eu costumo dizer que nesses quarenta anos de magistério mais de 90% das pessoas com as quais eu trabalhei foram mulheres. Mesmo em cursos que eu fiz não só o curso de magistério, o curso de Pedagogia, o curso de Letras e o meu mestrado na PUC também a grande maioria, a esmagadora maioria era mulher.

DAV: Bom professor, acho que a gente poderia estar marcando uma nova entrevista.

JA: Tudo bem, quando você quiser. Se quiser no final de semana ou mesmo aqui também. Aqui nós trabalhamos no regime de trinta horas por dia, você entendeu? Manhã, tarde e noite [risos]. Se quiser ser na minha casa a gente poderia marcar.

DAV: Está certo, então...

JA: Eu gostaria muito de conversar com a professora Belmira, embora ela não me conheça eu a conheço e a gente admira muito. Eu já li muita coisa, tenho acompanhado de certa forma o trabalho dela. A gente admira muito o trabalho do pessoal da Pedagogia da USP, tanto é que a USP é citada aqui todos os dias quando nós falamos de qualidade. Nós costumamos colocar o seguinte: nós somos uma escola particular com fins lucrativos, o lucro que por ventura houver vai ser reinvestido na própria instituição, mas a gente vem prá competir com as melhores e o que nós colocamos de melhor a USP está, logicamente, sem sombra de dúvida incluída. E o pessoal da área de Educação da USP é um pessoal que a gente lê muito, que a gente admira e que a gente sabe que tem uma competência muito grande.

DAV: Ah, que bom!

JA: A minha orientadora do mestrado da PUC foi a professora Myrtes Alonso, a professora Belmira conhece, né?

DAV: Eu li alguns trabalhos da professora Myrtes.

JA: É muito famoso da Myrtes (logicamente hoje está obsoleto e ela reconhece que está obsoleto) o livro de administração escolar “*O diretor de escola*”, de Myrtes Alonso. Nós temos inclusive aí na biblioteca, mas assim, pra consulta.

DAV: Bom professor, então eu vou até desligar aqui.



Considerando que o professor passou a complementar suas histórias com novas informações, o gravador novamente foi ligado.

JA: Eu tenho algumas coisas que eu até me orgulho de ter participado, por exemplo, eu fui o primeiro professor do ensino municipal a ter Pedagogia. Eu fui um dos primeiros diretores a dirigir uma escola integrada, que é a união do primário com o ginásio. Eu fui dos primeiros professores concursados, de um modo geral em todos os concursos, até porque antes não havia concursos. Eu até cheguei a classificar em alguns lugares, eu até tive um problema na Prefeitura de São Paulo. Bom, esse nome eu cito (não vai ter problema nenhum, né?). Quando era Prefeito Paulo Maluf, eu havia passado num concurso e fui classificado entre os dez primeiros e depois, por ter Pedagogia (contava dez pontos a Pedagogia), eu classifiquei em primeiro lugar. Só que eu fazia um trabalho nas escolas contra o autoritarismo. Eu fui punido, fui transferido, teve

uma série de histórias. Aí o Maluf pegou a relação, viu que eu estava bem classificado, quis me conhecer, quis me cooptar. Eu não aceitei. Não sei se a professora Belmira é malufista, se ela for ela não vai gostar [risos]. Eu tenho certeza que não, tenho certeza que não. Mas eu tive histórias desse tipo, eu tenho algumas coisas que eu costumo citar em reuniões de professores: o trabalho de coordenação pedagógica, nós somos mais ou menos pioneiros no Estado. Assim, tendo coordenador como um elemento disponível na escola, só que na coordenação pedagógica quando nós assumimos, na década de setenta, foi muito mal interpretada porque a escola não tinha funcionário. Então nós éramos inspetor de aluno, a gente substituía professor, a gente limpava banheiro, a gente fechava a escola, a gente apertava o sinal, fazia livro de ponto, fazíamos tudo na escola, menos coordenação pedagógica. Eu nunca botei um aluno fora de sala de aula, eu nunca suspendi um aluno, como diretor eu nunca transferi um aluno e hoje é muito comum isso. Eu nunca transferi um aluno, eu nunca dei um zero, nunca dei zero na minha vida. Lógico, tem aluno que nunca compareceu, aí a Secretaria obrigava a colocar zero, mas eu nunca atribui zero para o aluno. Então eu acho que isso está bem dentro de uma filosofia moderna de educação, há uma série de coisas aí, a gente se identificava muito com o aluno. Tanto é que eu tenho muitos ex-alunos que são meus amigos hoje, eu tenho comandantes de policiamento, deputados que foram meus alunos e tem aquelas pessoas humildes também, que de vez em quando vêm e lembram alguma coisa que a gente fez. Tem um segurança na Assembléia que toda vez que ele me encontra ele lembra que ele estudava num galpãozinho de madeira que eu lecionava lá e quando eu assumi a escola que era no primeiro ano, fazia cinco anos que ele repetia o primeiro ano e eu queria saber por que (ele chama Jorge de Souza). Esse Jorge de Souza hoje é segurança na Assembléia Legislativa e ele não aprendia e a gente descobriu que ele não aprendia porque não enxergava, só que como ele era grande, a primeira coisa que a professora fazia : botava ele na última fileira e ele não enxergava nem a professora, quanto mais a lousa [risos]. Aí nós arrumamos com um médico, um oftalmologista: Dr.Carlos Galba (se não me engano), era uma pessoa famosa na época. Ele fez uma consulta, doou um óculos para o Jorge e o Jorge passou a aprender, então é uma coisa interessante. Tem vários casos desse tipo.

DAV: Ah, professor! Eu queria muito conhecer!

JA: Tá bom , então tudo que eu for lembrando eu anoto e quando você vier a gente grava.

